

QUE BURBURINHOS MATEMÁTICOS UM DOCENTE TRAZ PELAS MARGENS?

What mathematical buzz does a teacher bring along banks?

Kátia Liége Nunes Gonçalves

Doutora em Educação Matemática

Faculdade de Matemática do *Campus* Castanhal da
Universidade Federal do Pará – UFPA – Pará – Brasil
liegekatia@gmail.com

Resumo

Os entreOlhAres que pretende levantar este artigo passa pela atualização das virtualidades da sala de aula, como um coletivo de forças, em que um professor de escola ribeirinha se movimenta pelas/nas margens de um igarapé e provoca turbulências, brechas, fissuras e muitas outras coisas que se convertem em agenciamentos e acontecimentos quando discute matemáticas. A escritura-devir desse artigo convoca a um passeio rizomático, que principiou num piscar de um pensamento, uma tese... Trafegará por entre as matemáticas por vias errantes, Educação Matemática e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas... Matemáticas-Deseducadas... Busca fôlego na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, tomando-os como intercessores criativos, por fervilhar o pensamento fissurando o dado. Cederá espaço à *CARTO*grafia antropofágica, ao mapeamento de afecções, as trans*Form*ação da paisagem, experimentação de escriturAções com imagens, provocando os olhAres do corpo vibrátil de potência caleidoscópica. As foto*Graf*ias também serão vistas como uma força, regiões de *intensidade* do entre*Lugar*. Uma docência-caleidoscópica pronta a in*Surgir*, contra a maquinaria do currículo arborescente e a rizomar um pensar em Matemáticas-Deseducadas nas aulas em escolas *RIO*beirinha, nas águas turbulentas e profundas e... e...

Palavras-Chave: Escrita-vida. Filosofia da Diferença. Matemáticas-Deseducadas. Docência-caleidoscópica. *CARTO*grafia.

Abstract

The Crossing glances who want to raise this article go through the updating of classroom virtualities, as a collective of forces, in which a riverside school teacher moves by/in the banks of an igarapé and causes turbulence, cracks, fissures and many other things which become agency and events when discussing mathematics. The writing-becoming of this article calls for rhizomatic tour, that began in a blink of thought, a thesis... It will traffic through the mathematical ones by wandering ways, Mathematical Education and Mathematical Education Riverside and Mathematical... Mathematical-Uneducated... Search for breath in the Philosophy of Difference of Deleuze and Guattari, taking them as creative intercessors, for frying the thought fissuring the given away. It will give space to the anthropophagic cartography, the mapping of affections, the transformations of the landscape, experimentation of scriptures with images, provoking the eyes of the vibrating body of kaleidoscopic power. The photographs will also be seen as a force, regions of intensity in between-place. A kaleidoscopic teaching-ready to insuring, against the machinery of the curriculum tree creating a

rhizomatic thought in Mathematics-Uneducated in classes in riverside schools, in the turbulent and deep waters and... and...

Keywords: Writing-life, Philosophy of Difference, Mathematics-Uneducated, Teaching-kaleidoscopic, Cartography.

Ziguezagueando por entre as ondulações da turbulência da escrita-vida

*Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.
Manoel de Barros, **Os deslîmites da palavra**, 2009.*

Aqui nestes rabiscos molhados e borrados... que não quer ficar, quer ser lançado para fora do papel tintado, quer tratar a escrita como um fluxo, não como um código, quer problematizar a **EDUCAÇÃO MATEMÁTICA e Educação Matemática Ribeirinha e Matemáticas... MateMÁtiCAs-DeSEduCADas** e as coisas *no entre...* experimentando a insurgência trazendo como intercessores irreverentes: Deleuze e Deleuze-Gauntari e ... e...

É uma escrita que se desapega das certezas e verdades que toma-nos como refém a cada diálogo com tantooooooooos outros que nos querem cegar levando-nos à docência-forma, aquela que se cristaliza como universal. **ZZZZ**zummm Barco?! Não! Barulho do pensamento inSurgente! **Ziguezagueando** a vida; composta de virtual, que “não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria”. Deleuze ainda exemplifica: “uma ferida se encarna ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido; ela própria, entretanto, é um puro virtual sobre o plano de imanência que nos transporta em uma vida” (2002, p. 16). Constituída também de acontecimentos; singularidades e multiplicidades, reagindo a um pensamento da representação da consciência, grifa-se o exercício de intensidades... virtualidade... forjando uma vida... uma escritura-devir, rizomática... inacabada, a que faz pensar e espedaçar o pensamento já pensado de professoras/es que acoplam, os conhecimentos matemáticos em aulas.

Pois é

“(no) acoplamento, a conduta autopoietica de um organismo A passa a ser fonte de deformação para um organismo B; e a conduta compensatória do organismo vivo B atua, por sua vez, como fonte de deformação para um organismo A (...) e assim sucessivamente, de maneira recorrente até que seja interrompido o acoplamento. Desta maneira, se desenvolve uma corrente tal de interações concatenadas que, ainda que a conduta de cada organismo seja determinada pela sua organização autopoietica, tal conduta é para o outro fonte de deformações compensáveis e, portanto, pode qualificar-se de significativa no contexto da conduta acoplada. Estas são interações comunicativas (MATURANA; VARELA, 1997 apud FONSECA et al., 2012, p. 20-21).

É essa escrita-vida que cortará o texto em sua travessia pelas margens em escola ribeirinha do rio Jupariquara em Barcarena-Pará ao apresentar os burburinhos matemáticos de um docente quando trafega com **MateMÁTiCAs-DeSEduCADas**, aquelas

que invadem, alastram-se, adentram sem pedir permissão... São rizomáticas, pois admitem ser tomadas pela concepção rizomática de conhecimento, numa visão de transversalidade em que assinala para o reconhecimento da pulverização, do embalamento, para a atenção às diferenças, construindo possíveis travessias para a multiplicidade dos saberes. Como gladiadoras, encaram o poder hierárquico e posicionam máquinas-resistência para atuarem nas arenas-escolas, nos enfrentamentos, sem permitirem que os ferimentos sangrentos lhe tomem a vida, levando-as aos túmulos sagrados dos obedientes oprimidos (GONÇALVES, 2018, p. 45-46).

Assim escriturar uma Docência fora da forma é querer provocar um *entreOlhAr*, uma Docência-Caleidoscópica, é querer PENSAR... Violentar o pensar para invocar a escrita como algo que burla, que corrói, que destrói, “que aceite a escrita-corpo, corpo-devir, que se abre a contaminação, recusando uma razão limpa e sem falhas” forjando “uma poética de si” e que se potencialize a cada entrada e saída, espedaçando-se em uma escrita-vida (BRITO, 2011, p. 245-246). Essa escrita turbulenta e gritante “carrega a vida imanente, cheia de fabricações de devires e que está sempre no *entre, no meio*. Que *desterritorialize e reterritorialize e des-reterritorialize!*” (GONÇALVES, 2018, p. 18), e que é penetrada por um devir-não-escritor... (DELEUZE; PARNET, 1998).

Mas como precipitar essa mobilização na *crísta* da turbulência sem questionar as determinações que são impostas pela ciência maior/régia, aquela que codifica, modela fórmulas, cria teorias, aponta resultados, aprisiona, emoldura (DELEUZE; GUATTARI, 2012) e que estabelece a docência-forma? Pois nessa ciência, estão “postos e a postos

dispositivos que constituem as leis, as macropolíticas e toda a maquinaria governamental para que ergam as diretrizes e ordens (e progresso) no âmbito educacional. Impõem-nos: a escritura deve ser assim, a norma é desse jeito, primeiro isso, depois aquilo, não pode conversar com esse e nem com aquele, é preciso respostas, prescrições...” (GONÇALVES, 2018, p. 18-19).

“Por isso experimentar uma ciência menor/nômade como máquina de guerra, a que acontece na vivência da sala de aula, no meio, em que se localizam as micropolíticas, na imanência”, onde as **Matemáticas** podem se movimentar turbilhonarmente e atravessarem “os corpos docilizados, disciplinados” (GONÇALVES, 2018, p. 19). Assim, Deleuze e Guattari (2012, p. 36) nos provocam a pensar que “a ciência nômade não é uma simples técnica ou prática, mas um campo científico no qual o problema dessas relações se coloca e se resolve de modo inteiramente diferente do ponto de vista da ciência régia”.

Portanto,

estamos diante de duas concepções da ciência, formalmente diferentes; e, ontologicamente, diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia. No limite, só conta a fronteira constantemente móvel (...). Parece que a ciência nômade é imediatamente mais sensível à conexão do conteúdo e da expressão por si mesmos, cada um desses dois termos tendo forma e matéria. É assim que para a ciência nômade a matéria nunca é uma matéria preparada, portanto homogeneizada, mas é essencialmente portadora de singularidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 35, 37).

ZZZZZummm **ZZ**ummm **ZZZZ**iguezagueandOOo a docência-inSurgente... Aquela que não quer ser mais a mesma... pulsa a docência-caleidoscópica, que passa por entre as ondu**LAÇ**Ões das turb**ULÊ**Ncia causadas por trepidações aquáticas, pelas/nas margens, molhando as secas das pedras urbanas, esturricadas e endurecidas por currículos estatais, que luta para ir do uno à multiplicidade; que prefere a singularidade; que suspeita das ideias pensadas e que prefere a diferença e tem um querer por inventar...re**IN**ventar... repetir, **REpeTir**... sem fazer o mesmo!

Quer uma docência-inSurgente... uma docência-caleidoscópica que faz...

ZZzZZZzZzZZZZ Incomoda **ZZzZZZzZZZZZ**

ZiZZZzZZZZZ moscas em **Ziguezague** vibram em trajeto aleatório **Ziguezagueante**...

Com amplo ângulo de visão, metamorfoseiam num respirar **ZZzZZzZZzZZZZZ**

Inseto asqueroso?!... Prolifera como peste, incomoda com seu zunido perfurante, alastra, contamina, vive na imundície catando miudezas desimportantes.

O que acontece com o **Z**? O **Zen** é o inverso de nez [nariz], que também é um zigzag. É o MOVIMENTO... a mosca... O que é isso?

Trecho da *Metamorfose I – A mosca sem boca regurgita* (GONÇALVES, 2018, p. 121).

Docência-caleidoscópica movimenta as matemáticas-deseducadas?

*Eu sei das iluminações do ovo.
Não tremulam por mim os estandartes.
Não organizo rutilâncias
Nem venho de nobrementses.
Maior que o infinito é o incolor.
Eu sou meu estandarte pessoal.
Preciso do desperdício das palavras para conter-me.
O meu vazio é cheio de inerências.
Sou muito comum com pedras.
Manoel de Barros, *Os deslimites da palavra*, 2009.*

... Nada... Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo (DELEUZE, 2006, p. 31).

Como pensar uma invenção de docência sem convocar a máquina de guerra e força do nomadismo que atravessa os agenciamentos? É o que acontece aos corpos quando se juntam, sob o olhar dos seus MOVIMENTOS e seus afectos. Escutemos o que tem a falar Deleuze e Guattari:

todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro da sua lata de lixo ou sobre o banco (...). Descobrir os agenciamentos territoriais de alguém, homem ou animal: "minha casa". O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de "propriedade": mesmo os ritmos ganham aqui um novo sentido (ritornelos). O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples "comportamento" (donde a importância da distinção relativa entre animais de território e animais de meio) (2012, p. 232).

Para deslocar as **Matemáticas** por vias errantes, em nome da experimentação, da turbulência, da diferenciação, cabe convocar a máquina de guerra para desterritorializar o número (objeto matemático para problematizar o pensamento sobre as coisas pensadas em matemáticas), que passa a ser cifra, "espírito de corpo", aquele que "inventa o segredo e as consequências do segredo (estratégia, espionagem, astúcia, emboscada, diplomacia, etc.)". Então para problematizar a questão dos agenciamentos, usam, portanto, a composição aritmética e apresentam o não-numerado, o numerante nômade: "móvel, autônomo, direcional, rítmico, cifrado" e que se "opõe ao mesmo tempo aos códigos de linhagem e à sobrecodificação de Estado", o numerante

é sempre complexo, isto é, articulado. Complexo de números a cada vez. Por isso mesmo não implica de modo algum grandes quantidades homogêneas, como os números de Estado ou o número numerado, mas produz seu efeito de imensidão graças à sua articulação fina, isto é, sua distribuição de heterogeneidade num espaço livre. Mesmo os exércitos de Estado, no momento em que tratam de grandes números, não abandonam este princípio (apesar do predomínio da "base" 10). (...) A unidade aritmética de base é, portanto, uma unidade de agenciamento: por exemplo, homem-cavalo-arco, $1 \times 1 \times 1$, segundo a fórmula que fez o triunfo dos citas; e a fórmula se complica quando certas "armas" agenciam ou articulam diversos homens e animais, como a biga de dois cavalos e de dois homens, um para conduzir e o outro para lançar, $2 \times 1 \times 2 = 1$; ou então, o célebre escudo de dois punhos, da reforma hoplita, que solda cadeias humanas. (...) O número numerante sempre está sobre várias bases ao mesmo tempo. (...) A logística é a arte dessas relações externas, que pertencem à máquina de guerra não menos do que as relações internas da estratégia, isto é, as composições de unidades combatentes entre si. Ambas constituem a ciência da articulação dos números de guerra. Todo agenciamento comporta esse aspecto estratégico e esse aspecto logístico (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 71-72).

O *numerante*, o que violenta, instiga, estilhaça, está nas **MateMÁtiCAs-DeSEduCADas** e se torna linha de força, fluxos, uma *CARTO*grafia do *entreLugar*, quando suas *moVÊNciAS* se configuram em variedades de agenciamentos. Nesses termos o nomadismo versa pela capacidade de inventar novos territórios de agenciamento que se territorialize e em um deslizar incessante para se desterritorializar a própria existência. É possível, portanto, pensar agenciamentos nas escolas ribeirinhas, mas o que são determinantes à sua existência, são as *dE*composições e os *desEncontros* a partir da eminência de signos e forças.

Um *entreLugar* no trapiche, um professor com *olhAres* e *entreOlhAres* caleidoscópico em uma escola ribeirinha do rio Jupariquara, com estudantes em turma *IndiVisível* (imagem 1) aquela em que o professor *RIO*beirinho traça linhas de fuga para sair do "sistema truculento

[seriado *EQUIVALENDO* ao multisseriado] que indica a repartição e o despedaçar de um grupo, de uma matilha, de uma gangue. Assim como, é orientado pela hierarquia dos conteúdos que são descritos para cada série/ano, mesmo em um sistema não seriado, não linear, não homogêneo”. Ele sabe mover a máquina de guerra: “o professor-força ao lançar os conteúdos arborescência de modelos dogmáticos da fragmentação de hierarquia das faixas etárias das séries-anos estipulados por um currículo-forma emitidos pelo Estado-MEC, aniquila a segregação de turmas seriadas” (GONÇALVES, 2018, p. 95).

IMAGEM 1 – Turma multisseriada indIvisível.



Fonte: Gonçalves (2018 p. 86). *IndiVisível*, Kátia Gonçalves

Estudantes e uma Docência-Caleidoscópica/Docência-Força (violentou o pensamento e potencializou a imagem 2) são repletas de intensidades que provocam brechas, fissuras que se convertem em agenciamentos e acontecimentos: uma sala de aula; um apontar do professor; gritos no recreio; Grupo1 ganha $95+80=175$; as histórias da vovó... em que a *CARTO*grafia arrisca-se a desenhar um mapa, linhas que são passíveis a variações estáveis.

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze trata da Verdade eterna do Acontecimento e discorre que, “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. (...) querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne (...). Por que todo acontecimento é do tipo da peste, da

guerra, do ferimento e da morte? Bastaria apenas dizer que há mais acontecimentos infelizes que felizes? Não, pois que se trata da estrutura dupla de todo acontecimento. Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou; e o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna” (DELEUZE, 1974, p. 152-154).

Sejam as linhas segmentárias duras, as moleculares flexíveis e as linhas de fuga, dar-se mobilidade para se experimentar pensar uma *CARTO*grafia, como “força do inexplicável, [pois] quando o cartógrafo encontra a força do signo, abandona a lógica, a confusão do ilogismo e do irracionalismo e afirma o acaso, o desconhecido, já que a razão conclui sua não fundamentação” (BRITO; CHAVES, 2017, p. 173). É um deixar mover ao sabor das tempestades, sem preocupar-se em apontar a proa a um destino... um o quê... um onde... um porquê... um para que... É *CARTO*grafar... É *GEO*grafar pelos “afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (ROLNIK, 1989, p. 67).

Essa deComposição de linguagem favorece a passagem das intensidades que percorrem os desEncontros dos corpos vibráteis... OlhAr... olhAres para um plano de composição, em que ocorre “as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afectos” (PELBART, 2008, p. 2).

Portanto nesse plano o que está em jogo são os elementos heterogêneos, disparatados, bem como, Deleuze e Guattari na conclusão quase ininteligível de *Mil Platôs*, expõem que, o que se inscreve num plano de composição ou consistência são os acontecimentos, as transformações incorporais, as essências nômades ou vaga, as variações intensivas e turbilhonares, os devires sem termo nem sujeito, os espaços lisos composto do espaço estriado (GONÇALVES, 2018, p. 82).

IMAGEM 2 – Quadro Poético.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

RESPINGOS DE UMA CARTOGRAFIA ANTROPOFÁGICA: uma docência riobeirinha que pula pelas águas...

*Lugar sem comportamento é o coração.
Ando em vias de ser compartilhado.
Ajeito as nuvens no olho.
A luz das horas me desproporciona.
Sou qualquer coisa judiada de ventos.
Meu fanal e um poente com andorinhas.
Desenvolvo meu ser até encostar na pedra.
Repousa uma garoa sobre a noite.
Aceito no meu fado o escurecer.
No fim da treva uma coruja entrava.
Manoel de Barros, **Os deslimites da palavra**, 2009.*

Os métodos intransigentes do olhar científico asseptizado e eruditos cedem espaço à cartografia do antropófago, que nessa travessia é o cartógrafo que está sempre a procurar alimentos/elementos para compor sua *CARTO*grafia, sem nada a explicar, tão pouco revelar que se leva e é levado ao mapeamento de afecções, aos “movimentos de transformação da paisagem”, ao “desmanchamento de certos mundos” e aos olhares do corpo vibrátil de potência caleidoscópica que capta “não mais planos e sim os *platôs*, as regiões de *intensidade continua*, feitas da latitude dos corpos que você for encontrando: *corpos humanos, animais, sonoros... corpos de uma ideia, de uma língua, de uma coletividade...*” (ROLNIK, 1989, p. 15, 35). Esse corpo vibrátil precisa ser despertado para o funcionamento encontrar o fator de a(fe)tivação! (ROLNIK, 1989).

Uma *CARTO*grafia do pensamento antropofágico é “evidenciado pela sua afirmação da vida como devoração, devir apropriativo dos acontecimentos da existência em sua singularidade, capaz de digerir as experiências vividas e incorporar os impulsos mais vitais” (MELLO, 2007, p. 71). Ela faz valer tudo que der língua, cor, som para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido. Ao cartografar todas as entradas são saudáveis desde que as saídas sejam rizomáticas. Em seu desenho de criação, serve-se não só das escritas de encontros com os intercessores, como também de “operadores conceituais [que] podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia” (ROLNIK, 1989, p. 66-67).

Experimentar escrituras com imagens que possam provocar perceptos e afectos para além de uma imagem do pensamento julgado precipita fazer fendas, labutar pela relva, pelas zonas, pelos *MOVimentos*, pelas linhas de desejos e de acoplamentos. Assim como as fotografias também serão vistas como uma força, regiões de *intensidade* do entreLugar, uma “espécie de “captura” de um acontecimento, que pode movimentar outros acontecimentos nos corpos que observam, dilatando as sensações, o olhar para outros movimentos intensivos e criativos, o que pode abrir válvulas de sensações” (BRITO, 2015, p. 226).

A fotografia e as Contações do professor ribeirinho foram tratadas cartograficamente, como Contações-vida e fotografia-devir, uma estética do nomadismo, uma intensidade caleidoscópica, que impõe “qualidade de potência nos seus movimentos, que são de latitudes (afetos/encontros) e de longitudes (movimentos de velocidades, lentidões e repouso)” (BRITO; CHAVES, 2017, p. 168) que provoca desterritorialização no olhar, olhares do/a escritor(a)/leitor(a) interpretante. Reolhar uma docência *RIObeirinha* que pula pelas águas... é possibilitar a *MOVÊNCIA* caleidoscópica de cor-brilho-som que ativam a transversalidade para realizarem conexões entre fotografias, Contações, literatura, conceitos, poesias, escrituras, imagens, filmes, pinturas, matemáticas, docências múltiplas... forçando o pensamento a criar linhas de fuga para inventar uma vida imanente... uma vida... devir... *rived!!*

Chamar os acontecimentos, os agenciamentos para *CARTO*grafar, requer gaguejar e falar em outra língua, com linguagens potencializadas e disparatadas pela invencionáutica e escovação das palavras como entorta Manoel de Barros com suas ingnoranças, empurrando e dando asas às letras-força com a taquicardia da máquina filosófica, em que provoca a invenção de conceitos que zigagueiem pelo labirinto do pensamento do escritor-leitor, para ladrilhar e povoar o plano, em um trânsito-infinito de *Des/Re/Territorialização...* (GONÇALVES, 2018, p. 84).

POTÊNCIA CALEIDOSCÓPICA: docências e seus devires...

Passsei anos penteando e desarrumando as frases.

Desarrumei o melhor que pude.

O resultado ficou esse.

Desconfio que, nesse caderno, o canoeiro voou fora da asa.

Manoel de Barros, *Os deslimites da palavra*, 2009.

Um beliscar dos rabiscos-tese-vida que Kátia Gonçalves e... traz o olhAr vibrátil quando liberou a caleidoscopização de docência, ao deixar o cérebro-rizoma tremular misturas na força-viva das cores brancas, das formas, das coisas *entre* coisas, desarrumando e violentando o pensamento, negando-se que a corpo orgânico forme as imagens da representação que se enxerga o mundo, como também, ao ser tocada pelo inVisível alcançada pelo corpo vibrátil, “corpo sensível aos efeitos aos encontros dos corpos e suas reações: a atração, repulsa, afetos, simulação em matérias, de expressão. De tudo isso, (...) olho-do-visível percebe apenas a máscara, resultante do movimento desimulação” (ROLNIK, 1989, p. 26).

Sempre que *Olha*, *reOlha* *transOlha*... pulsam sensações... que se tornam outras... Como colocar os **OlhOs** num caleidoscópio. Uma docência pode tremular assim! Um não-fixar! Um inventor insurgente, irreverente, instigantes... um formador de malta, de gangues de lugares outros, um nômade...

Um professor nômade inventa a não-escola-movimento, pensada com variações de cores pelo olhAr e olhAres da câmera que permite “habitar o ilocalizável” (ROLNIK, 1989, p. 36) e pelo nomadismo do professor-força, que toma seu corpo de guerra e ocupa o espaço aberto com movimento turbilhonar, para não ser apanhado pela estaticidade-forma, da ciência régia que tudo se apropria e devora (GONÇALVES, 2018, p. 96).

IMAGEM 3 – FotoGrafia em aula pulsante no *entre* igarapé do rio Jupariquara.



Trapiche-ilha alegre, Kátia

Fonte: Gonçalves (2018, p. 86).

A vertigem do mareado num mundo que é só movimento... a ilha... a montanha na profundidade... O pintor quando pinta uma tela, o escritor ao rascunhar uma escrituraria, o

OLHA dor quando olha e registra o visto, o professor ao usar o quadro verde, o estudante ao rabiscar a folha de papel... Usam a tela-folha-quadro-branco para lançar o capturado pela coreografia da força olhAr, sem nada a compreender a interpretar... apenas escuta o farfalhar. Pois “tudo isso está presente na tela [quadro, papel, mural...], sob a forma de imagens, atuais ou virtuais. De tal forma que o pintor não tem de preencher uma superfície em branco, mas sim esvaziá-la, destruí-la, limpá-la” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 127).

A pintura-imagem captada pela retina da máquina fotográfica (imagem 3),

não trata o olho como sendo um órgão fixo. Liberando as linhas e as cores da representação, ela libera ao mesmo tempo o olho de seu pertencimento ao organismo, ela o libera de seu caráter de órgão fixo e qualificado: o olho se torna virtualmente um órgão indeterminado, polivalente, que vê o corpo sem órgãos, ou seja, a figura, como pura presença. A pintura [imagem] nos põe os olhos em toda parte: na orelha, na barriga, nos pulmões (o quadro respira...). É a dupla definição da pintura: subjetivamente ela investe nosso olho que deixa de ser orgânico para se tornar órgão polivalente e transiente; objetivamente ela desvenda diante de nós a realidade do corpo, linhas e cores livres da representação orgânica. E um se faz pelo outro: a pura presença do corpo será visível ao mesmo tempo em que o olho será o órgão destinado desta presença (DELEUZE, 2007, p. 28).

Do alto daquelas madeiras mortas se quer pensar na alegria como potência no agir ou na possibilidade de acontecimento na superfície do que esvai... uma névoa de imagens virtuais coexistentes e de diferentes ordens que se distribuem e correm formando círculos de virtualidades... Sangram uma ilha deserta com ventooossss arrebatadores... Folhas. Grãos. Frutos. Chuvas estrondam nas águas e explodem e exploram e singram os igarapés... Onde o Sol toca ao entardecer e desponta com as dançarinas palmeiras esverdecentes.

Deleuze em *Causas e Razões das Ilhas Desertas* retoma o duplo movimento que produz as ilhas em si mesmas. “O movimento da imaginação que faz da ilha deserta um modelo, um protótipo da alma coletiva” que “não se opera a própria criação a partir da ilha deserta, mas a re-criação, não o começo, mas o re-começo”. Promove essa digressão sobre o movimento da imaginação das ilhas e de movimento de sua re/produção. Alerta que “para apreciar a vida, nós a alcançamos não em sua produção, mas em sua reprodução. O animal, cujo modo de reprodução se ignora, ainda não ocupou lugar entre os vivos. Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis”. Em seus devaneios Deleuze provoca um pensar olhar de cima da ilha como fez Zaratustra/Nietsche ao subir a montanha: “É uma ilha ou uma montanha, ambas ao mesmo tempo, pois a ilha é uma montanha marinha e a montanha é uma ilha ainda seca” (DELEUZE, 2004, p. 10-11).

No meio da Ilha ReCriação em “direção ao que se deriva”... à deriva... Lá os ventos rodopiam e lançam tudo diferente, o homem ama uma ilha deserta povoada, ele está dentro-fora e não na imagem do deserto da produção da ilha que dizem nos sonhos. Portanto, “já não é a ilha que se separou do continente, é o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se separado do mundo. Já não é a ilha que se cria do fundo da terra através das águas, é o homem que recria o mundo a partir da ilha e sobre as águas” (...) “De um modo ou de outro, a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço e de uma tal convicção” (DELEUZE, 2004, p. 6-7).

As vozes, ouvidos, bocas, no ver, no pegar, no provar, no cheirar, com peles, com imagens, com sabores, com coisas, com luzes, com sabores-cores, sombras, numerantes, variações vagas das formas geométricas e no deslimite das **Matemáticas** que pulam das paredes-cubo da sala de aula... Qual a capacidade de afetar e de ser afetado de um professor ribeirinho? O que aumenta e diminui a potência do agir desse professor? O que saltitam e faíscam dos olhAres, entreolhARES dos estudantes nas conversas soltas do professor, em que ele grita pela reprodução, pelo re-Começo, da potência do diferente do mesmo, da repetição, de répétition... Como mover/trincar o pensamento a repetir... *riteper* o diferente?

Riscos-rabiscos caligráficos que aparecem na imagem 4 é a reprodução da palavra **repetição** em diversas línguas, sucessivamente traduzidas: francês, africâner, chinês, japonês, alemão, árabe, espanhol, inglês, hebraico, russo; exemplificando a repetição do diferente. Cabe frisar que esses riscos de letras deCodificados são signos “significantes”, não estão para indicar palavras, mas a desterritorialização do pensamento, um atravessar o espaço liso da diferença. Para Deleuze, é chamado de “"significante" todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido; "significado", ao contrario, o que serve de correlativo a este aspecto do sentido, isto é, o que se define em dualidade relativa com este aspecto. O que é significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido” (2007, p. 91).

IMAGEM 4 – Reprodução da palavra repetição em diversas línguas.



Fonte: Gonçalves (2018, p. 88).

Repetem assim na escola *RIO*beirinha, no meio do trapiche, aulas-devir, onde pulam e tripudiam possibilidades de des-territorialização das **Matemáticas e Educação Matemática Ribeirinha**, de criar linhas de fuga, forçando movimentos à ciência menor como máquina de guerra, a umas **MateMÁtiCAs-DeSEduCADas**, aquelas que cortam, provocam às invenções e que foge de toda demarcação pré-estabelecida ditada pela **Rainha MATEMÁTICA** e o Sr. **Rei** dono do Estado. Porém, “não há como prever os movimentos de territorializações/desterritorializações dos afetos que calcificam/descalcificam o delineamento dos territórios das práticas discursivas” (HORN; DUARTE, 2018, p. 5) que são as inúmeras formações discursivas construídas historicamente e oriundas de práticas pedagógicas, científicas, cotidianas etc., que subjetiva os sujeitos em relação aos modos como devem falar ou conduzir suas próprias ações (FOUCAULT, 2008).

A Ilha ReCriação é a terra, a vida, a aula no trapiche alegre com territórios de práticas discursivas, a casa da invenção, como destaca Zaratustra/Nietzsche em sua vontade de afirmar, desConstruir, transmutar... É na montanha do abismo que o silêncio ecoa as conversas e precipita desEncontros em que corpos são afetados, pela imprevisibilidade do aparecimento das matemáticas e por serem colocadas em vias do problemático, do movente, da potência inventiva e da produção circulante. Mas ainda há de escutar o que diz Zaratustra sobre o distanciamento do silêncio e o afastamento do vale quando se olha ao espelho em um sonho:

(...)Em verdade, compreendo bem demais o sinal e aviso do sonho: minha doutrina está em perigo, o joio quer ser chamado de trigo! (...)
 Que me aconteceu, meus animais?, disse Zaratustra. Não estou transformado? A bem-aventurança não chegou a mim como um vendaval?
 Tola é minha felicidade, e falará coisas tolas: é ainda jovem demais — tende então paciência com ela!
 Fui ferido por minha felicidade: todos os sofredores me servirão de médicos!
 Posso novamente descer para junto de meus amigos e também de meus inimigos! Zaratustra pode novamente falar e presentear e fazer o melhor para os que mais ama!
 Meu impaciente amor extravasa em torrentes, para baixo, para o nascente e o poente. Desde silenciosas montanhas e tempestades de dor, minha alma rumoreja rumo aos vales.
 Por tempo demais ansiei e olhei ao longe. Por tempo demais pertenci à solidão: assim desaprendi o silêncio.

Tornei-me apenas boca, e o bramir de um riacho a descer de altos rochedos: em direção aos vales quero precipitar minha palavra. (...) (NIETZSCHE, 2011, p. 75).

É no tocar, explodir os festins e o foguetório das invenções que pode se aprisionar, matar a criação ao invocar o mesmo como o novo, indo ao deleite do pensamento dogmático, das verdades petrificadas, em que a vontade criadora minguar o pensamento a turvar e estanca tudo que transita. Zaratustra ensina a vontade afirmativa da criação, do esforço de *educar a si, de se expor quando se cansar do neutro, a busca por uma saúde construtiva do pensar, a TransValoração...*

Para a Docência-**Caleidoscópica** MOVEnte importa as tristezas, diminuição de potência emitida pela ordem da fixidez da ciência maior?

Então: ‘OLHA-te no espelho!’ Que/qual imagem **Olha, transOlha, entreOlha?**

Docência-marginal faz/traz barulhos, burburinhos, zunidos na/para margens?

*As sujidades deram cor em mim.
Estou deitado em compostura de águas.
Na posição de múmia me acomodo.
Não uso mrorrimentos de teatro.
Minha luta não é por frontispícios.
O desenho do céu me indetermina.
O viço de um jacinto me engalana.
O fim do dia aumenta meu desolo.
Às vezes passo por desfolhamentos.
Vou desmorrer de pedra como um frade.*

Manoel de Barros, Os deslimes da palavra, 2009.

Uma **Docência-Caleidoscópica** é marginal, menor, movente, guerreira, pois ergue suas armas, são como nômades, que “não têm nem passado nem futuro, têm apenas devires, devir-mulher, devir-animal, devir-cavalo: sua extraordinária arte animalista. (...) não têm história, têm apenas a geografia (...). Eles chegam como o destino, sem causa, sem razão, sem respeito, sem pretexto...” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 26-27). É vagabunda em relação à Docência-forma, “não sobrevive de migalhas dos aparelhos de poder ou mesmo não é desconhecadora do que passa na ciência maior. Negam-se a escolas científicas porque não carecem de reordenação de uma recodificação da ciência-verdade” (GONÇALVES, 2018, p. 43). “Ficam à margem porque não têm nenhuma pretensão de obter o mesmo estatuto conferido” a imperialidade de tal ciência. Principalmente porque a ciência menor/nômade “é

uma “ciência” que diverge profundamente da lógica de organização e funcionamento das *ciências maiores*” (DUARTE; TASCETTO, 2013, p. 113).

QUEM PODE SER? “São minorias esdrúxulas: gangues, matilhas, bandos... mal-afamados... Porém não se reverenciam aos centros de poder. Pulsam incessantemente por criações em *DEVIR-LIBÉLULA*... “em velocidade absoluta, não pela velocidade constante do bater as asas e rapidez que atinge um ponto a outro, mas a capacidade da lentidão e da imobilidade *no entre* os pontos.” Pois “com um olhar multifacetar e caleidoscópico provoca acidez no pensamento que produz movimento de fuga. Em insignificante pequenez se mobiliza por desterritorialização simultânea”. Ela “vem para arrobar o pensamento, negando-se a não reprodução das normas cadavéricas e repulsivas que chamam de inovadoras” (GONÇALVES, 2018, p. 45-46).

Que os **ZzZZ**unidos sejam barulhentos e os burburinhos provocantes e incessantes na/para margens das **Matemáticas** e **Educação Matemática Ribeirinha** e **MateMÁtiCas-DeSEduCADas** e outras coisas que movi**MENTE** uma vida docente...

Docência-**MARGINAL!** Docência-**INSURGENTE!** Docência-**FORÇA!**

Docência-**MENOR!** Docência-**CALEIDOSCÓPICA!** Docência-**GANGUE!**

Pul**Sante!** Estra**Ç**alhante! Nô**M**ade! Uma **Docência-MOVEnte... Borboletante...**

Passa um galho de pau movido a borboletas:

Com elas celebro meu órgão de ver.

Inclino a fala para uma oração.

Tem um cheiro de malva esta manhã.

Hão de nascer tomilhos em meus sinos.

(Existe um tom de mim no anteceder?)

Não tenho mecanismos para santo.

Palavra que eu uso me inclui nela.

Este horizonte usa um tom de paz.

Aquí a aranha não denigre o orvalho.

Manoel de Barros, Os deslimites da palavra, 2009.

Referências

BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRITO, M. R. A escrita - devir como experimentação: Para uma cartografia de si. In: CHAVES, S.; BRITO, M. R. (Org.). **Formação e Docência**: Perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica. Belém: CEJUP, 2011, v. 1, p. 9-255.

BRITO, M. R. **Entre as linhas da educação e da diferença**. São Paulo: Livraria da Física, 2015. v. 01.

BRITO, M. R.; CHAVES, S. N. ...Cartografia... uma política de escrita. **Rev. Polis e Psique**, v. 7, p. 167-180, 2017.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fontes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul./dez. 2002.

DELEUZE, G. **L'île déserte et autres textes**. Paris: Minuit, 2002. Edição preparada por David Lapoujade. Tradução brasileira. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro, Ed 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DUARTE, C. G.; TASCETTO, L. R. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 105-118, 2013.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONÇALVES, K. L. N. **Nomadismo da educação matemática ribeirinha: potências da multiplicidade**. 2018. p. 141. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Educação Matemática e Científicas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

HORN, G.; DUARTE, C. G. **Grafias e anamorfias das fotocartos**: caminhos de uma pesquisa cartográfica. 2018. (Texto digitado).

MELLO, I. M. de. A antropofagia oswaldiana como filosofia trágica. **Cadernos Nietzsche** São Paulo, GEN, nº 23, p. 59-79, 2007.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e ninguém. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELBART, P. P. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, F.; GARCIA, S. (Orgs.). **Próximo ato**: Questões da Teatralidade Contemporânea. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.